

VOZES ENTRE ESTAÇÕES: A NARRADORA-PÓS-VIDA EM “VOE PARA LONGE DESSAS FOLHAS MORTAS” DE REBECCA JORGE

EDUARDA VIEIRA LOPES¹; PAULO AILTON FERREIRA DA ROSA JUNIOR²

¹Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – eduardavieiralopes2710@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – paulo.ailton@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o narrador da novela contemporânea *Voe para longe dessas folhas mortas* (2020), de Rebecca Jorge, focando em sua perspectiva de narrativa: a narração em primeira pessoa feita por Aurora, personagem já falecida. A escolha da autora por uma voz pós-vida nos permite refletir sobre o uso literário da morte como ferramenta de observação, e não de encerramento, além de gerar um efeito emocional e poético profundo. O trabalho se propõe a compreender como essa estratégia narrativa contribui para a sensibilidade da trama e como afeta a recepção do leitor diante de temas como o luto, depressão e construção de relacionamentos após a perda. Para isso, a análise se baseia nos conceitos apresentados por Carlos Reis em sua obra “*O conhecimento da literatura*” (1999), especificamente no capítulo VI, *A narrativa literária*, sobre a instância narrativa, tipos e funções de narrador.

2. METODOLOGIA

A pesquisa parte de uma abordagem de cunho interpretativo, com base na teoria da narrativa desenvolvida por Carlos Reis, em especial nas categorias de narrador, instância narrativa e focalização, apresentados na sua obra de 1999. Segundo o autor, a instância narrativa é composta por diferentes dimensões, que incluem o narrador, o narratário, o tempo e o modo de narrar. Essa concepção permite analisar não apenas “quem fala”, mas também “de onde fala” e “com que acesso à história fala”.

Para a análise, considerou-se a seguinte configuração: *Narrador autodiegético*: aquele que, sendo personagem principal, narra a própria história; *Focalização interna*: quando o narrador apresenta o mundo ficcional filtrado pela sua própria percepção ou pela de um personagem específico; *Tempo narrativo não-linear*: quando a ordem dos eventos não segue uma ordem cronológica estrita, podendo incluir analepses (retorno ao passado) e prolepses (antecipações).

No caso de *Voe para longe dessas folhas mortas*, verificou-se a ocorrência de um *narrador autodiegético*, já que Aurora participa da história como personagem, ainda que não esteja mais viva, e apresenta foco narrativo interno, acessando a subjetividade de outros personagens, especialmente Lucca e Bernardo, o casal principal apresentado no romance.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Carlos Reis afirma que o narrador autodiegético é aquele que narra a própria história em primeira pessoa, estando implicado nos acontecimentos. Na obra de Rebecca Jorge, Aurora se enquadra nesta categoria, mas com uma

especificidade: ela narra a partir de um “depois” absoluto - o pós-morte. Isso lhe confere um ponto de vista ao mesmo tempo íntimo e distanciado, onde ela pode a tudo observar e nada modificar. Ela viveu os eventos que a levaram ao seu suicídio, e agora observa, sem o poder de interfirir, as consequências de sua ausência. Essa posição confere ao texto um tom de contemplação melancólica, mas também de ternura. Ao contrário de narradores vivos, que tendem a agir para modificar a sua realidade, Aurora apenas acompanha, relata e interpreta, funcionando como uma guardiã afetiva da história.

Quando o narrador viveu a história como protagonista é designado como narrador autodiegético (auto-, “o próprio”): em narrativas como Lazarillo de Tormes, The Life and Adventures of Robinson Crusoe de Daniel Defoe, A Relíquia de Eça, Memórias Póstumas de Brás Cubas de Machado de Assis, O Malhadinhos de Aquilino Ribeiro, La Familia de Pascual Duarte de Camilo José Cela ou Manhã Submersa de Vergílio Ferreira, o narrador é uma entidade que, tendo atravessado experiências e aventuras várias, relata, a partir de uma posição usualmente amadurecida, o devir da sua experiência [...]. (Reis, 1999, p.371)

Aurora narra os sentimentos do irmão Lucca após suicidar-se, com uma voz que transita entre a memória, o afeto e a contemplação. Seu foco narrativo é claramente interno, já que penetra o íntimo emocional dos personagens ainda vivos, em especial de Lucca e Bernardo, mesmo estando, fisicamente, fora desse meio. Essa estratégia literária fica entre dois conceitos de Focalização nomeados por Reis, a Focalização Interna e a Focalização Onisciente, por Aurora ter acesso não apenas aos sentimentos dos personagens vivos ao seu redor, mas também às suas memórias relacionadas às suas mágoas e breves vislumbres do futuro dos mesmos.

Bernardo não perguntou ao meu irmão sobre os olhos vermelhos ou o rosto inchado, no entanto, sentiu-se aliviado ao ver Lucca pedindo baixinho que agendasse as próximas sessões. O assistente cumpriu o pedido com prazer, encaminhando-se para a recepcionista, enquanto Mateo entregava um cartão ao meu irmão, sussurrando-lhe que devia lhe procurar a qualquer momento, se sentisse necessidade. (Jorge, 2020, p.41)

Além disso, a narradora funciona como um vidro entre o protagonista Lucca e o leitor, acelerando uma recepção empática ao processo do luto de Lucca. A escolha de uma narradora que já morreu oferece um acesso entre o tempo da memória e o presente, e a marcação simbólica das folhas secas, que se repetem no cenário e como metáfora, reforça esse tempo cíclico e emocional, como no trecho do diálogo:

- A verdadeira cor das estações - respondeu, observando Lucca parar de comer no mesmo instante. *Bernardo não sabe que sou o outono na estrada de Lu, eu faço as cores de sua vida desaparecerem, murcharem, morrerem. Ele deveria ficar mais forte, no entanto, sinto que suguei demais do meu irmão, ao ponto de fazê-lo perder a vontade de renascer após esse rigoroso inverno no qual se enfiou quando o outono passou, quando fui embora.* - Gosto dos seus quadros e percebi que sempre pinta folhas secas, por isso achei que iria gostar. (Jorge, 2020, p.28)

Ao compararmos essa construção com outros romances românticos contemporâneos, percebe-se uma diferenciação interessante: Rebecca Jorge foge do padrão do narrador observador, do narrador onisciente e também, da necessidade do romance romântico padrão de envolver toda a trama apenas no relacionamento amoroso das personagens, e torna a narradora autodiegética uma

entidade cuidadora, uma protagonista em uma história que não a pertence mais, e elabora poeticamente a morte, ressignificando-a como beleza, cuidado e transcrição dos sentimentos.

Ela parou.

E olhou para mim.

Não me viu, claro. Liza somente se virou para o lado, sentindo um arrepio quando acariciei sua bochecha. Sim, mesmo sendo mais nova, eu adorava mimar o Lucca. Ele tinha a alma sensível, e eu, uma idiota prepotente, me orgulhava de tudo que meu maninho fazia. Eles eram a melhor parte de mim, a única boa. (Jorge, 2020, p.16)

4. CONCLUSÕES

Com base nos conceitos apresentados por Carlos Reis sobre os tipos e funções de narrador, concluímos que a escolha de um *narrador autodiegético pós-vida* foi essencial para constituir a obra de Rebecca Jorge como uma obra única de densidade emocional profunda. Aurora age como elo entre mundos, vida e morte, presente e lembrança. O romance desafia os limites da narração convencional, utilizando de uma voz lírica, espiritual e profundamente humana para tratar de assuntos sensíveis a diferentes públicos, como o luto, a depressão e o desenvolvimento de relacionamentos após a perda. Neste sentido, *Voe para longe dessas folhas mortas* é um exemplo literário significativo de escrita afetiva na narrativa romântica contemporânea.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

JORGE, Rebecca. **Voe para longe dessas folhas mortas**. São Paulo: Editora Sinna, 2020.

REIS, Carlos. A narrativa literária. In: REIS, Carlos. **O conhecimento da literatura**. Coimbra: Almedina, 1999. Cap.6, p. 343–373.